

O FUTEBOL NOS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO (1914 -1923).

NEI JORGE DOS SANTOS JUNIOR¹

INTRODUÇÃO

Ainda no final da década de 1910, o entusiasmo causado pelo futebol no Rio de Janeiro e sua difusão pelos subúrbios da capital, não permitiria mais caracterizá-lo como prática restrita a grupos de esportistas filiados aos clubes elegantes da Zona Sul.

Assim, o futebol ganhava proporções diferentes da imagem de distinção social implementadas pelos *sportsmen*, tornando-se cada vez patente a participação de negros e trabalhadores que condicionava um alargamento simbólico nos sentidos do jogo.

Os admiradores do futebol, agrupados nos centros esportivos formados nos subúrbios ou nos seus locais de trabalho, começavam a fazer dele um importante meio de expressão de seus desejos sociais específicos. Ao incorporar o discurso de refinamento e fidalguia construído pelos primeiros *sportsmen* cariocas, esses torcedores de origens diversas adotavam para si a lógica que, serviria para afastá-los do novo esporte: construída sobre pilares frágeis, a distinção pretendida pelos jovens da Zona Sul através do esporte podia ser alcançado facilmente por indivíduos que, por toda cidade, aprendiam a fazer dele um de seus principais passatempos (PEREIRA, 2000).

Assim, o futebol transformava-se de elemento de diferenciação em uma prática que, admirada por todos, ganharia uma força social somente experimentada até então por eventos como o carnaval – que já conseguia há tempos atrair parcelas muito diferentes da população da cidade do Rio de Janeiro. É importante atentar que essa apropriação estava longe de ser definida nesse momento como um símbolo de identidade de classe, seja ela qual fosse. Ele transformara-se, a partir das apropriações e ressignificações feitas por membros dos mais diversos segmentos sociais, em um grande fenômeno de massas.

Se não chegam a obter o sucesso na tentativa de configurarem-se como refinados *sportsmen*, esses novos admiradores do esporte inglês conseguiram ao menos com sua atuação quebrar a aura de distinção construída para o jogo nos anos anteriores, provocando por isso a ira de muitos redatores esportivos (PEREIRA, 2000, p. 127-128).

¹ Mestrando em História Comparada (UFRJ).

Notadamente, esses clubes provocariam – por parte da sua torcida ou pelos próprios jogadores – alguns gestos que se diferenciavam das propostas idealizadas pelos *sportsmen*. No entanto, eram através desses gestos – vaias, agressões aos adversários e invasões de campo – que o fator de identificação entre bairro-clubes-trabalho mostrava toda sua intensidade em relação aos adversários. Gestos esses, que se expressavam explicitamente nas partidas disputadas pelo Bangu Athletic Club e Andarahy Athletic Club. Clubes que reuniam uma forte identificação local, além do ambiente fabril que se constituía num importante objeto de identidade entre bairro-clubes.

O Bangu, assim como Andarahy, aceitava que jogadores das camadas populares integrassem suas fileiras e medissem forças com os jogadores dos clubes aristocráticos da capital (LEITE LOPES, 2004). De certa maneira, isso era um indicador da transformação na esfera social elitista configurada nos anos anteriores, fortalecendo a popularização do futebol entre os bairros pobres da cidade do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, tomamos como hipótese que ao mesclar os sentimentos clubísticos de rivalidade com laços de pertencimento ao bairro, o futebol cria elos de interação e interconexões com todo o resto da cidade. Essa probabilidade aumenta se pressupuser que o bairro é quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. O bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública (MAYOL, 1996).

Sendo assim, as razões do território imprimem ao processo de adoção do futebol um arranjo multipolarizado e de forte base local, que mostra a importância desses bairros fabris – Bangu e Andaraí – no desenvolvimento de uma paixão sobre seus respectivos clubes. Resultado de um conjunto de relações sociais que passam pela conscientização histórica de pertencer a uma localidade, cujos limites se definem por um grau de relações num mesmo cotidiano, num clima de cumplicidade e relações de vizinhança. Esse grau de relações expressa esse sentimento de identidade local, fundamentado através de representações simbólicas coletivas pelo tempo e a intensidade de vivência no lugar (PEREIRA DE QUEIROZ, 1973). Como o relacionamento diário entre jogadores, sócios e operários, todos moradores e trabalhadores do mesmo bairro.

Tendo em conta essas observações, o presente trabalho tem por objetivo compreender os sentidos/significados atribuídos na construção desse sentimento local representados pelo Andarahy Athletico Club e pelo Bangu Athletic Club nos seus respectivos bairros, e assim entender a importância dessas agremiações para o fortalecimento dessa identidade local entre os anos de 1914 a 1923, além de tratar das seguintes questões: como se constituiu esse sentimento de identidade local representado pelo Andarahy Athletico Club e pelo Bangu Athletic Club nos seus respectivos bairros entre os anos de 1914 a 1923? Quais os sentidos/significados atribuídos na construção desse sentimento local e a importância desses clubes para o fortalecimento dessa identidade local?

Para compreender os objetivos expostos, é preciso que busquemos vestígios que nos permitam alcançar os fatos ocorridos naquela ocasião e assim entender a importância desses dois clubes para o fortalecimento dessa identidade local.

Apesar do vasto material sobre o futebol no início do século XX, é necessário levarmos em conta a multiplicidade de possíveis documentos e fontes a serem utilizados. Nesse sentido, articula-se no trabalho, dois instrumentos distintos e complementares quanto à utilização das fontes. No primeiro nível, trata-se de buscar as representações coletivas sobre os sentidos/significados representados pelo representados pelo Andarahy Athletico Club e Bangu Athletic Club a partir de um levantamento documental preliminar em jornais de grande circulação da época (*Correio da Manhã, O Imparcial, O Paiz e Gazeta de Notícias*), seguido de uma leitura crítica que nos permita capturar em detalhes o universo simbólico ali representado.

No segundo, trata-se num esforço de compreender a percepção dos atores sociais que participaram diretamente daquele processo. Trata-se de conhecer as representações que os próprios praticantes, sócios e torcedores criaram sobre essas experiências. Um esforço em investigar como se construiu esse sentimento de identidade local tão peculiar retratado por alguns autores. Por quais canais esses atores estabeleceram essa relação? Que significados eles atribuíram a essas experiências? Como a imprensa os representava? Que condições sociais motivavam seus sócios, jogadores e torcedores a agirem muitas das vezes com violência?

METODOLOGIA

Para concretizarmos estas intenções de pesquisa, buscou-se lançar mão da comparação como método investigativo, por apresentar um anseio bastante singular para responder a um contexto histórico bastante específico. Possibilitando-nos aludir às semelhanças e diferenças em casos opostos como instrumento de um caso particular, nos colocam uma interrogativa prévia de pesquisa: o que observar? Como observar? E como tratar os resultados observados? (BARROS, 2007)

De acordo com Barros (2007), a história comparada consiste na possibilidade de se examinar sistematicamente como um mesmo problema atravessa duas ou mais realidades históricas-sociais distintas, duas estruturas situadas no espaço e no tempo, dois repertórios de representações, duas práticas sociais, duas histórias de vida, duas mentalidades, e assim por diante. Mostrando-se um desafio para o saber histórico pela mudança de atitude no modo de fazer história; é uma nova perspectiva dos pesquisadores como sujeitos em relação ao objeto de pesquisa (THEML; BUSTAMENTE, 2007).

Peter Burke (2002) fala-nos sobre um dos primeiros problemas que surgem na utilização dos métodos comparativos: a decisão sobre o que se utilizar para comparação, não fazendo análises evolucionistas nem estáticas. Devemos estar atentos a implicações relevantes, articuladas ao processo de análise de dados e das fontes como; analogia utópica, irrelevância na indução, anacronismo e generalização indevida. Permitindo-nos desenvolver questões mais relevantes para comparação. Para isso, atentamos para as considerações teóricas expressadas por Marc Bloch como requisitos fundamentais para se constituí uma história comparada (BLOCH, 1993). Sua conclusão aponta dois aspectos irreduzíveis: de um lado, uma similaridade dos fatos, de outro, certas dessemelhanças nos ambientes em que esta similaridade ocorria.

Nesse sentido, comparar esses dois clubes circunscritos na mesma temporalidade mostra-se um esforço em esclarecer o objeto ou situação a partir de outro. De modo que o pensamento que adentra esta prática comparativa dispõe-se a fazer analogia, a identificar semelhanças e diferenças entre duas realidades, além de compreender variações de um mesmo modelo, onde os traços fundamentais de um clube expressem a particularidade do outro, dando a perceber as ausências de elementos singulares, quanto às variações de intensidade relativas à mútua presença de algum

elemento em comum (BARROS, 2007). Contudo, considerando ao máximo as particularidades de cada um desses clubes.

FÁBRICA, BAIRRO E CLUBE: BANGU E ANDARAÍ

Fundado no dia 17 de abril de 1904, o The Bangu Athletic Club, assim como outros clubes da cidade, teve estrangeiros entre seus precursores. Chegados à cidade ainda em fins do século XIX, para trabalhar para a Companhia Progresso Industrial, que administraria a fábrica de tecidos fundada no bairro, em 1893, um grupo de técnicos ingleses se mostrou disposto a fundar uma agremiação nos moldes daquela que conheciam em seu país.

A princípio, seus diretores não pareciam dispostos a apoiar tal iniciativa. Contudo, essa resistência chegaria ao fim embalado pela imagem fidalga que clubes como Fluminense iam imprimindo ao jogo (PEREIRA, 2000).

Ao contrário de outros clubes da cidade, onde o núcleo inicial de ingleses chamava compatriotas para compor a equipe, o Bangu, até pelo isolamento geográfico do bairro, fez com que fossem convocados chefes, empregados e até trabalhadores de outras nacionalidades para compor a equipe. Aos poucos, cresceu o número de trabalhadores brasileiros no time, pois permaneciam mais tempo na empresa e podiam se dedicar de modo contínuo ao esporte, enquanto os estrangeiros voltavam aos países de origem (LEITE LOPES, 2004).

Iniciava-se com o Bangu a figura do operário-jogador: o trabalhador que se destacava menos por seu trabalho e mais por sua atuação como jogador (Idem). Esses trabalhadores que faziam parte do time conquistavam benefícios em sua atividade profissional regular, com seus privilégios que variavam da dispensas em horários de treino e jogos, ocupação em um posto de trabalho com menos esforço físico, possibilidade de promoção mais rápida, entre outros (FILHO, 2003).

Logo as empresas perceberam que o futebol estimulava os trabalhadores, aumentando seu sentido de pertencer à comunidade da empresa, passando a incentivar sua prática entre seus empregados e operários.

Num caminho similar, o Andarahy Athletic Club, fundado pelos trabalhadores da Fábrica Cruzeiro em 9 de novembro de 1909 apresentava condições próximas do longínquo Bangu.

Ao conseguir dos próprios patrões o apoio de que precisavam para manter a associação, seus integrantes – trabalhadores moradores do bairro – incentivados pela companhia e com fortes elogios da imprensa trabalhavam arduamente para construção de um moderno campo, cercado de zinco e galpão para banheiros, sem poupar esforços para bem servir seus associados e torcedores, com o objetivo de filiar-se a liga ao término das obras (*O Imparcial*, 15 de Fevereiro de 1913).

Essa prática se mostrava corriqueira, não somente entre os clubes localizados no subúrbio do Rio de Janeiro – tendo como principal percussor o Bangu Athletic Club – mas por todo o Brasil. Os custos que a prática do futebol nos moldes desejados envolvia, se tornaria inviável sem a participação financeira das empresas, o que levaria como saída possível, senão essencial, o auxílio da fábrica para a manutenção da atividade (ANTUNES, 1994). Sendo assim, havia certa conformidade entre a fábrica e o clube, na qual, percebia a importância do futebol para o aumento de pertencimento à comunidade da empresa, passando a incentivar sua prática entre seus empregados e operários.

A direção da fábrica passava a subsidiar as atividades do clube; por exemplo, cedendo um terreno de propriedade da empresa para a instalação do campo de futebol e a construção da sede social ou, então, contribuindo para o pagamento de aluguéis. Mensalmente, ela oferecia ao clube uma quantia em dinheiro, a fim de complementar seu orçamento, que incluía despesas com conservação e limpeza da sede social e do campo, pagamento de impostos, energia elétrica, limpeza dos uniformes, transporte de jogadores e outras. Quanto ao material esportivo, a fábrica poderia fornecer desde as camisas até a bola e as chuteiras (ANTUNES, 1994, p. 105).

O apoio dado pelas fábricas corresponderia uma posição de grande consideração por parte dos membros desses clubes em relação aos desejos de seus diretores. Segundo Pereira (2000, p. 261), no próprio Bangu essa posição se aplicava de forma muito clara, estando presente até em seus estatutos – que definia, no artigo quatro, “que o presidente honorário do club será sempre o diretor gerente da Comp. Progresso Industrial do Brasil, que será consultado em todas as resoluções tomadas pela diretoria estranha a estes estatutos”.

Contudo, a Fábrica Cruzeiro assumiria uma posição contrária. Oferecia apoio, participava das despesas, mas preferiria não se confundir com o Clube, tendo sua representação de forma secundária.

A fábrica Cruzeiro, da América Fabril, não querendo se confundir com o clube. Ajudava, interessava-se pela vida dele, mas preferindo não ser a fábrica, tomando a forma de um Afonso Bebianio, de um comendador Alfredo Coelho da Rocha. Não era a fábrica que dava o campo. Era o velho Coelho da Rocha, a pedido de Afonso Bebianio. A fábrica nada tinha a ver com isso, embora fosse dos Bebianos, dos Coelhos da Rocha, dos Mendes Campos (FILHO, 2003, p. 90-91).

Com isso, a escolha da presidência, assim como seu corpo de dirigentes ficava por conta dos sócios, no entanto, um corpo específico de sócios, o que deixava claro a interferência indireta dos dirigentes da fábrica. Em termos genéricos, o Bangu, seria um clube da fábrica, o Andaraí, um clube de fábrica (FILHO, 2003).

O QUE SERIAM OS CLUBS... SE NÃO FOSSEM ESPORTIVOS: A CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO LOCAL

Numa crônica publicada pelo jornal O Imparcial com o título, “o que seriam os clubs... se não fossem esportivos” (*O Imparcial*, 26 de Fevereiro de 1916). O autor com o pseudônimo de João Brigão relatava com desprezo a incessante busca do Bangu por um título de campeão carioca, além do “democrata e colorido” Andaraí. Uma insinuação clara da participação de mulatos, negros e operários.

Se o projecto-monstro do Joffrissimo Silvares pudesse dar com o Andarahy em casco de rolhas, este club democrata e colorido caberia por herança ao symphatico e alineatico Nico Miranda. Nem poderia ser de outra forma; o Nico velho é troço naquellas luzidas e encarapinhaticas cabeças. Aquillo tinha que cair na mão do Nico, quer quisessem, quer não, ou não fosse elle “membro honoratico” da *dirigente*. Só haveria um inconveniente, que seria a discussão de um projectozinho...mandando dar uns tantos por cento para representação do team, etc., etc. Mas o que é um carneiro para quem tem um rebanho? Nada...Lóóóógo...

Tratado com a mesma ironia, o Bangu não fugiria de tal repúdio:

O Bangu operário, seleccionavel e longínquo, do viu Noel, velho cansado de lutas e de leituras de longas defesas contra ataques à delicadeza tradicional e incontestado do Leão, se não tivesse sido baptizado pelo antialcoolista Procter com o doce nome de Bangu Atheltico Club, só se poderia cognominar o “Palacio dos Supplicios”. Não é allusão ao palácio que Noel projector para sede da Liga, não! É uma espécie de purgatório, onde os que cobiçam o título de *campeones* carioca, purgam os pecados, deixando a golpes de canelas, o sangue ruim que lhes corre nas veias. Ali é o verdadeiro laboratório onde se pode apreciar a reacção de *Wassermann*, tão apregoada. Sangue ruim fica ali, regando aquelle sólo bendito e expurgador das maldades humanas. Sim senhor, seu Noel, num team de onze homens do S. Christovão, trinta attestados de escoriações supercutaneas e esmagamentos de epiderme e seis óbitos e meio. Que team de moças, o do Leão! (*O Imparcial*, 26 de Fevereiro de 1916, p.9.).

Esse estigma atrelado ao comportamento diferenciado por parte dos seus torcedores e sócios provocava nas agremiações da Zona Sul e na imprensa carioca uma ação de repúdio e cautela ao retratar sobre as equipas do Bangu e Andarahy. Essas linhas expressavam o sentimento de medo e desconfiança aos olhos das crônicas esportivas, que se preocupavam em manter o caráter já desconfigurado do futebol elitista. No entanto, se o caráter fortemente proletário dos subúrbios deste momento foi decisivo para a construção de uma imagem pejorativa de clubes como Bangu e Andarahy, acreditamos que este mesmo fato ajudou na construção de elos de sociabilidade, pois seus moradores e torcedores, em grande parte, passaram a compartilhar de um modo muito particular de viver, trabalhar e torcer.

No dia 23 de Novembro de 1919, os principais jornais cariocas anunciavam com sentimento de cólera a interrupção do *match* entre Andarahy e Vila Isabel.

Nos estantes finais do primeiro tempo, após um tranco dado por Olivio do Vila Isabel, em Gilabert do Andarahy, iniciava um conflito que se estendia por todo o campo. Gilabert, não satisfeito com a jogada, retribuiu tal gesto com um soco, motivo que provocou furor sem precedentes na torcida do Andarahy. Esta, já descontente com a atuação do árbitro, resolveu invadir o gramado, e assim, dar início ao caos registrado pelos principais jornais da época. Depois de muitas pauladas, tiros e navalhadas, a polícia pedia reforços e conseguia dar fim ao conflito, com a prisão de alguns envolvidos (*O Imparcial*, 24 de Novembro de 1919).

Dois dias após o grande tumulto, o jornal *O Imparcial* publicava uma carta escrita pelo juiz da partida, o Sr. Max Eckstein, onde o próprio relatava com indignação os atos de violência de alguns torcedores do Andarahy ao término da partida.

As “torcidas”, covardemente, se dirigiram para a porta de minha residencia, sabendo-me no campo do Jardim Zoologico e minha senhora sozinha, sem que nada soubesse, foi ameaçada por mais de 40 indivíduos, alguns mostrando punhais e revólveres, que, além disso, deram assustadores noticias a *meu* respeito, entre ellas, que eu tinha sido navalhado e aguardava em campo os socorros da assistência.

Se não fossem as garantias prestas pela policia local, a pedido de minha esposa, que para lá mandou uma “viuva alegre” e duas praças de cavallaria, não se de que seriam capazes os audazes indivíduos, que, por infelicidade, são “torcidas” do Andarahy.

O jogo corria, technicamente da melhor forma e não fora as aggressões entre jogadores no campo e consequentemente invasão, nada teria verificado de anormal.

A policia cabe, pela sua imprevidência, um pouco de responsabilidade, pois, se houvesse policiamento sufficiente para contes a invasão dos primeiros, o conflicto não se daria. Não vejo razões para prática dessas barbaridades, visto a minha maneira de actuar, absolutamente imparcial, não justificam as cenas desenroladas pois mereci a confiança de todos principalmente o dos Andarahy, pelas provas de confiança que me deram insistindo para actuar naquelle jogo (*O Imparcial*, 26 de Novembro de 1919, p. 10-11).

Episódios como esse eram corriqueiros nos campos cariocas, mas a forma pela qual ele se desenvolve nesse caso parece elemento-chave para compreender a construção e consolidação de uma estrutura de identidade local, atribuídas pelo juiz como “fanatismo cego de certos indivíduos que não conhecem as regras do Football e muito menos, de educação” (*O Imparcial*, 26 de novembro de 1919, p.11).

Outro caso que expressaria o forte laço de sentimento local aconteceria em 14 de junho de 1919, publicado pelo periódico *Correio da Manhã* com o seguinte título: “O encontro Bangu x S. Christovão não terminou...”

Infelizmente o nosso football ainda não está de todo civilizado. Ainda hontem no campo do Bangu A. C., por occasião do encontro dos teams locais com os do S. Christovão, registraram-se factos que são tão indignos, que mais mereciam ser lamentados numa secção policial. Faltando 22 minutos para terminar o encontro Patrich perdendo a pelota para Hugo aggride este jogador no que é repellido.

Estabeleceu-se o tumulto, que teve como consequência a invasão do campo, novas aggressões, pauladas, revolvers e navalhas em scena e.. suspensão do jogo!

Não sabemos ainda quaes os culpados de tamanha falta de educação: se os desordeiros da Favella ou se os agressores do Morro Pinto.

Francamente, srs. Sportmen. Isto nunca foi football! Acabemos com estas scenas lamentáveis, antes que a policia prepare um lugar seguro

para serem trancafiados os desordeiros que se querem impingir como sportmen!
Ao ser suspenso o jogo vencia o Bangu pó 3 x 0. Na luta dos 2^{oo} teams venceu o S. Christovão por 2 x 0(*Correio da Manhã*, 14 de julho de 1919, p.8).

Esses acontecimentos explicitavam a força do *ethos* existentes entre sócios e torcedores moradores do bairro com seus clubes. Uma afirmação singular frente a seus oponentes, com a clareza da união que fazia deles companheiros de uma mesma causa, que tornava a agressão a um deles uma afronta a todos.

Para dar conta a essa perspectiva, Guilianotti (2002) afirma que esses gestos refletidos pela intensa compreensão física e temporal, articulados com a violenta ligação a uma causa nos jogos de futebol, expressam uma preponderância dos vínculos locais sobre os nacionais. Vale lembrar que nesse período o processo de construção de uma identidade nacional ainda não se encontrava configurada, onde sua formação se inicia com grande força através da expansão do rádio nas décadas de 30 e 40 associados ao discurso nacionalista do Estado Novo varguista (ORTIZ, 2006).

Proshansky *et al.*(1983), conceituaram a identidade local enquanto fenômeno complexo que incorpora vários aspectos da identidade pessoal, constituída por construções sobre o mundo físico em que a individualidade habita, podendo satisfazer necessidades biológicas, psicológicas e sociais de um indivíduo. Tais construções denotam memórias, ideias, valores, sentimentos, atitudes, significados e concepções de comportamento e experiência, os quais estão relacionados com a variedade e complexidade dos lugares físicos que definem a existência cotidiana de cada sujeito. Nesta perspectiva, a identidade local deve ser entendida como uma construção pessoal, onde as experiências diretas com o ambiente físico a modificam. Por sua vez, a identidade local não se mostra um receptáculo passivo de práticas, atores e atividades, mas antes um processo de gestão marcado por fatores conjunturais, relacionais e flutuantes que implicam relações afetivas de pertença e reconhecimento e relações imaginárias que nos remetem para os lugares de referência (PEIXOTO, 2003).

Não são também, relações de identidade exclusivamente endógenas, do ponto de vista da criação de fatores de promoção identitários que, com base na recriação de histórias e paisagens, imagens publicitárias e turísticas, se podem desenvolver identidades locais a partir de condicionantes exógenas, de acordo com a performatividade das tradições (Idem).

Percebemos, assim, a necessidade de pensar a identidade local num quadro de processos sociais mais alargados, dentro de um quadro de negociação de diferentes identidades e referenciais, por vezes contraditórios. É de suma importância compreender que a diversidade e a mobilidade sociocultural que integram a lógica de interação local embora nos permitam avaliar diferentes índices de construção de laços e sentimentos de pertença locais, num determinado contexto, não deverá ser extrapolado para a assunção de existência de uma identidade local homogênea, claramente associada à ideia tradicionalista e romântica de comunidade.

CONCLUSÃO

Ao longo do estudo, compreendemos que a consequência do processo de socialização entre bairro e clube, transforma a ida aos jogos do Bangu e Andarahy, num espaço local de convivência, onde as relações cotidianas se constroem e se fortalecem a partir de um sentimento de pertencimento. Esta ideia se constrói a partir de um sentimento de pertença, ligado ao local de nascimento, trabalho e moradia, como também a pertença de caráter afetivo ou via relacionamento com os moradores do bairro ou jogadores do clube. Esses elementos são fundamentais para se criar símbolos de identidade que retratam o forte laço entre clube e bairro.

Nessa perspectiva, a identidade local tanto no Andaraí como em Bangu, sofreriam inúmeras intersecções de outras fontes de significado e reconhecimento social, seguindo um padrão altamente diversificado que dá margem a interpretações alternativas. No entanto, percebemos que devido às condições de luta para reprodução da sua vida material, os laços de solidariedade e ajuda mútua por parte de torcedores, jogadores e sócios, se tornavam aspectos fundamentais para consolidação de uma identidade local formada pelo eixo: clube, bairro, fabrica.

FONTES PRIMÁRIAS

O Paiz

Gazeta de Notícias

Correio da Manhã

O Imparcial

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Fátima M. R. F. O futebol nas fábricas. **Revista USP: dossiê futebol**, São Paulo, n. 22, p. 102-109, jun.-ago. 1994.
- BARROS, J. História Comparada - da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. **História Social** (UNICAMP), v. 13, p. 07-21, 2007 a.
- BURKE, P. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- BLOCH, M. **Os Reis Taumaturgos** – o caráter sobrenatural do Poder Régio. França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- FILHO, M. **O Negro no futebol brasileiro**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- GIULLIANOTTI, R. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- LEITE LOPES, J.S. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, C.H.M.; DA SILVA, F. T.; FORTES, A. (Org.). **Cultura de Classe**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004, p. 121-166.
- MAYOL, P. Morar. In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PEIXOTO, P. Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades. **Sociologia**, 13, 211-226, 2003.
- PEREIRA, L. A. M. **Footballmania: Uma História social no Futebol do Rio de Janeiro: 1902-1938**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. **Bairros Rurais Paulistas**. São Paulo: Duas Cidades; USP, 1973.
- PROSHANSKY, H. M., FABIAN, A. K., KAMINOFF, R. Place identity: Physical world socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**, 3, 57-83. 1983.
- THEML, N.; BUSTAMANTE, R. M. C. História Comparada: Olhares Plurais. **Revista de História Comparada**. Vol. 1, n. 1, jun, 2007.